

saúde **coronavírus**

# Aqueles que perdemos

George Francisco e Carivaldina se orgulhavam de serem negros. Nos bailes, ele adotou o apelido George Black; ela lutava pela preservação da herança quilombola. Morreram de Covid, a mesma doença que já fez mais de 47 mil vítimas no Brasil. Clóvis, Evaldo e Mariane também estão entre elas, infelizmente.



Karime Xavier/Folhapress

## Com boas histórias, George Black, 50, guiava jornalistas pelas ruas de SP

Emílio Sant'Anna

SÃO PAULO "Ei, papai, fala a verdade, eu salvei sua pauta ou não?"

O dia já valia a pena quando você, sentado no banco do carona, ouvia isso da boca de George Francisco Gomes. "Vem comigo que você passa de ano", ele ainda completava — o que te deixava sem alternativa a não ser se render ao seu sorriso largo.

Papai era ao mesmo tempo substantivos comum e próprio. Era a forma como ele chamava os repórteres e colegas da **Folha**, e como era chamado e conhecido por todos. As mulheres, sempre respeitosa, mamãe.

Pertencia a uma classe em extinção: a de motoristas de jornal. Não raro, ele salvava a pauta sem sair do carro. "Ei, tá vendo aquele cara ali? Falei com ele enquanto você estava lá fora. Ele conhece quem você está procurando."

Negro, 1,80 m, 160 kg, motorador da quebrada na zona sul, fazia de si mesmo um

personagem que a todos seduzia. "Tá achando que o lugar aqui é barra pesada? Pô, pai (às vezes ele mandava um pai), você não viu nada. Espera até chegar no próximo", dizia rindo.

Se tivesse que "desenrolar" com alguém quando lá chegasse, desenrolava e dava nó. "Meu pai me ensinou o valor da amizade. Ele era superpercutado", afirma a filha Nathália Cristina da Silva Gomes Apolinário, 27.

Se o jornalismo, por vezes, se parece com literatura apressada, Papai foi personagem de um sem-número de histórias por trás de centenas de reportagens (muitas delas, aliás, melhores do que as próprias reportagens).

Além de motorista, Papai era promotor de bailes. Música black, samba rock, nostalgia, suas festas reuniam até 5.000 pessoas. Nelas, era conhecido por George Black.

"Às vezes, ele me ligava no meio do dia e perguntava como eu estava. Se eu não estivesse bem, ele falava: 'espe-

ra aí que eu tô chegando para te resgatar, filha'. Era meu herói", lembra Nathália.

Há dois anos, George trabalhava como motorista de aplicativo. Juntou economias e comprou um Ford Fiesta vermelho 2013. A pandemia do novo coronavírus, porém, reduziu drasticamente a renda da família e o obrigou a continuar suas jornadas pelas ruas.

Obeso, hipertenso e diabético, Papai não resistiu à Covid-19. Morreu dia 12 de junho, aos 50 anos, no hospital de Parelheiros. Além da filha Nathália, deixa a mulher, Adriana Archanjo da Silva Gomes, 47, e o filho Jonathan Francisco da Silva Gomes, 21, e a neta Isadora, de 1 ano e 8 meses.

Sua morte foi sentida por jornalistas da **Folha** e tantos outros espalhados pelas redações de São Paulo.

Aos leitores e, principalmente, a George e sua família, minhas sinceras desculpas. Contra toda regra de objetividade do jornalismo, este é o primeiro texto que escrevo enquanto choro.



Fotos Arquivo Pessoal

## Clóvis, 72, médico, teve o caixão aplaudido pela cidade

GUARAPUAVA (PR) No dia 26 de maio, o médico Clóvis Górski, 72, entrou na UTI do Hospital São Vicente de Paulo, referência no tratamento da Covid-19 em Guarapuava (PR), mas, desta vez, ele era o paciente.

Clinico-geral e cirurgião, Górski não foi hospitalizado onde atuava havia cerca de quatro décadas, o Hospital Santa Teresa, hoje Instituto Virmond. "Ele disse que ia contrariado para o

São Vicente. Não tinha nenhuma crítica, mas a casa dele era o Santa Teresa. Foi orientado do infectologista", contou o filho Eduardo, 45.

Górski era casado com a médica anestesista Erna Sandra, 70, com quem dividiu as salas de cirurgia por 35 anos. Além de Eduardo, que é procurador federal, Erna e Górski são pais de Jales Roberto, 39, que também é médico. Mesmo sendo do grupo de

risco (asmático, cardíaco e idoso) e de já estar aposentado, não quis parar de trabalhar e continuou atendendo. A pedido da família, havia deixado a emergência, mas ainda atuava em consultório, onde provavelmente contraiu o vírus de um paciente.

O médico de origem polonesa nasceu em Guarani das Missões (RS) e mudou para Guarapuava em 1975.

Era apaixonado por futebol, torcedor do Internacional. Em 1977, passou a integrar a equipe do time da cidade, a Associação Atlética Batel, como médico e na diretoria.

O presidente do clube, Graciliano Nezinho Ribeiro, 68, conheceu Górski no ano de entrada dele no time e logo se tornaram grandes amigos. "Uma pessoa extraordinária que deixará saudades", Górski faleceu em 9 de junho. No traslado do corpo, o veículo da funerária passou por algumas ruas centrais da cidade, incluindo a unidade hospitalar onde Górski trabalhava. Familiares, colegas de trabalho, pacientes e a própria comunidade se despediram com aplausos do médico.

Uma parte de suas cinzas será lançada no Pantanal, onde todo ano fazia pesca esportiva acompanhado de um grupo de amigos. **Jéssica Meheret**



Ronald Parroja

## Tia Uia, 78, biblioteca viva de comunidade quilombola no RJ

Adriano Maneo

SÃO PAULO Quando um grão de uma comunidade tradicional morre, é como se uma biblioteca queimasse por inteiro e viesse abaixo. O termo grão vem da África Ocidental e se refere aos indivíduos que na tradição oral preservam e transmitem a memória, as histórias, as canções, mitos e outros elementos que definem a cultura de um povo, geralmente de descendência africana ou indígena.

No Quilombo da Rasa, em Búzios (RJ), uma dessas bibliotecas vivas era Carivaldina de Oliveira Costa, 78, a tia Uia, neta de ex-escravos, morta em 10 de junho.

Segundo o presidente da Associação de Remanescentes do Quilombo da Rasa e técnico de enfermagem no posto de saúde, Adriano Gonçalves, 44, cerca de 30 moradores da comunidade estão com suspeita de infecção pela Covid-19. São 420 famílias vivendo na comunidade. Segundo o Observatório

Quilombos sem Covid, há no Brasil 723 casos confirmados e 80 mortes em comunidades quilombolas. Outros 190 casos estão sendo monitorados.

O Quilombo da Rasa já foi reconhecido pela Fundação Palmares e está em fase de contestação no longo processo de titulação pelo governo federal. Tia Uia teve participação importante no estudo inicial de reconhecimento e identificação do território.

"Ela brigou até os últimos dias, mas sempre com um sorriso enorme no rosto e as portas abertas para quem fosse", lembra Gonçalves. "Ela sempre nas reuniões, nas viagens para Brasília."

Os antepassados da Rasa eram pessoas de Angola escravizadas e trazidas para trabalhar na Fazenda Campos Novos. Após a abolição, elas se estabeleceram nas terras onde se situa hoje o bairro da Rasa.

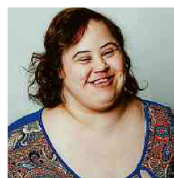
Uia e seu irmão Valmir conheciam bem essa história e fundaram juntos a associação do quilombo, presidi-

da inicialmente por ela, que passou a liderar a luta contra empreendimentos turísticos de grande porte e a especulação imobiliária no território. Valmir está internado com o novo coronavírus.

Sobrinha de tia Uia, a professora Gessiane Nazário, 33, diz que a matriarca era um contraponto à "história irreal contada pelo turismo de Búzios", que segundo ela, estigmatiza quilombolas da Rasa. "Ela me ensinou muito sobre a história da minha família, que estava esquecida. Foi a minha mentora no movimento quilombola e falava sempre da importância de eu afirmar minha identidade", afirma.

Nesse sentido, tia Uia fazia questão de ensinar músicas antigas, que os descendentes de escravizados cantavam nas roças, nos anos 40, 50. "Ela dizia 'aprende para ensinar às crianças'."

Tia Uia deixa seis filhos, oito irmãos e a mãe, dona Eva, de 110 anos.



## Evaldo Gouveia, 91, autor de "Sentimental Demais"

Aliny Gama

MACEIÓ Um dos ícones da MPB na era do rádio, o músico, cantor e compositor cearense Evaldo Gouveia, 91, morreu em Fortaleza, no dia 29 de maio.

Autor de "Sentimental Demais", "Alguém me Disse", "Brigas" e "Trovador", escritas ao lado do compositor capixaba Jair Amorim (1915-93), Gouveia tinha sofrido um AVC, que deixou sequelas motoras, em 2017.

Evaldo Gouveia tem 1.200 composições escritas e 700 músicas gravadas por cantores como Altemar Dutra, Alaide Costa, Maysa Monjardim e Nelson Gonçalves. O artista nasceu em Orós (CE) e mudou-se para Fortaleza, onde estudou e trabalhou como feirante.

Aos 19 anos, conseguiu um emprego como músico em uma rádio. Em 1957, compôs sua primeira canção, "Deixe que Ela Se Vá", de coautoria com Gilberto Ferraz, que ficou famosa na voz de Nelson Gonçalves. O auge da carreira de



Divulgação

## Para Mariane, 38, não tinha tempo ruim

SÃO PAULO Não tinha tempo ruim para Mariane Capuano, estava sempre sorrindo. Para quem estivesse levemente abaixo, dizia: "Vamos levantar a cabeça e bola para frente". "Você podia brigar, mas ela te abraçava e dizia que te amava", conta Geórgia Capuano, sua irmã.

Mariane adorava brincar com a sobrinha pequena, ouvir música sertaneja e assistir novelas. Portadora de síndrome de Down, lidava bem com a sua condição. Se via alguém com Down na televisão, dizia: "Olha, igual eu!". Mariane, 38, morreu em 4 de abril, em São Paulo. **Laura Castanho**

Evaldo Gouveia foi marcado por composições suas na voz do cantor mineiro Altemar Dutra, que fez sucesso nas boates do Rio. O compositor teve sua história contada pelo escritor Ulysses Gaspar no livro "O que me contou Evaldo", publicado em 2019. O lançamento do livro foi uma das últimas aparições públicas do artista, sempre ao lado da mulher Liduina Lessa.

A escola de samba Portela, do Rio, lamentou a morte de Evaldo, destacando contribuições dele com dois sambas-enredos: "O Mundo Melhor de Puxinguiha", em 1974, e "Mulher à Brasileira", em 1978. **Uol**